

A Imprensa e o Dever da Verdade

Um jornalista norte-americano, que se acha em visita ao nosso país, mostrou-se especialmente espantado com duas cousas: o grande número de jornais existentes no Rio — o dobro dos que se publicam em Nova York, cidade várias vezes maior e a mistura, verdadeira confusão que neles se faz entre os fatos e a sua apreciação.

Razão tem de espantar-se o nosso visitante, pois o que elle aqui está vendo são graves defeitos da nossa vida pública.

À primeira vista poderia parecer que o grande número de diários fôsse uma manifestação de vitalidade democrática: mais jornais, maior conhecimento e debate das questões de ordem publica. Tão otimista conclusão rue logo ao considerar-se o carater da maioria dos jornais que no Rio se publicam. Sua unica preocupação é explorar a curiosidade do publico, fazendo-a frequentemente da maneira mais escandalosa. Há grande número de jornais no Rio, mas, pelo ambiente em que medram, são antes cogumelos, do que jornais. Poucos têm uma preocupação superior e, destes, ainda menos têm uma orientação firme. Apresentam, quando muito, certa tendência, que, por ser simplesmente tendência, está sujeita a variar com as circunstancias.

Mas, ainda quando todos os jornais da capital da República obedecessem ao padrão minimo da boa imprensa, o seu grande numero seria por si mesmo nocivo. Espantou-se o jornalista norte-americano e espantou-se com razão. Se a principal função da imprensa é elucidar e orientar a opinião publica, o excessivo número dos seus órgãos impede materialmente que os leitores acompanhem integralmente o debate de uma questão importante. Ninguem tem tempo para ler quinze ou vinte jornais e poucos teriam recursos para tanto. Será, pois, sempre parcial e fragmentária a informação que se pode colher da imprensa tão numerosa, quanto dispersiva. Nas capitais onde não vai além da meia duzia o número de jornais, facil é ao cidadão orientar-se: já por serem elles poucos, já por ter cada um deles feição definida e saber o leitor, em cada caso, quais buscar para melhor se elucidar.

Se grave é este, talvez mais grave e certamente menos advertido é o outro defeito apontado pelo jornalista americano.

O fato é um fato e, ante elle, só cabe uma attitude: procurar apreende-lo, tal como é. A fidelidade aos fatos é a mais elementar forma de probidade intelectual. O fato é o que é, e a ninguem é licito altera-lo. O que pode e deve variar é a sua apreciação, a sua interpretação. Por isto, em todos os jornais dignos deste nome, há como que duas secções distintas: a noticiosa, em que se expõem os acontecimentos, e a opinativa, em que os acontecimentos são criticados e comentados. Desta distincção não se podem eximir nem os jornais partidários, isto é, os jornais que se propõem claramente propagar uma doutrina e defender uma politica. Esta, pelo menos, tem sido desde o primeiro numero, a pratica do ESTADO DO RIO GRANDE. Confundir as duas operações é deturpar, é falsificar mais ou menos conscientemente os fatos. Esta foi, por certo, a maior causa do espanto de que se deixou tomar o jornalista norte-americano ao observar os processos da imprensa carioca.

Dois acontecimentos recentes mostram como é geralmente tendenciosa esta imprensa. Descendo com o sr. Eurico Dutra, no elevador, após o almoço a este oferecido na residencia de um deputado, o reporter de um jornal infenso à reforma parlamentarista imaginou que o antigo presidente deveria ser presidencialista. E fez a pergunta. O sr. Eurico Dutra esquivou-se de responder, já por ser tal o seu feitio, já por não se poder tratar de materia tão grave nos poucos segundos que dura uma viagem de elevador. Pois bem, no dia seguinte, trazia o jornal, com titulos berrantes na primeira página, a noticia, isto é, o fato que o presidente Dutra se declarava contrario à emenda

parlamentarista. Esta era realmente a posição do jornal: nada mais facil, portanto, que ajeitar, alterar, criar o fato à sua feição.

Outra prova. Tendo sido noticiado que, em face das explorações surgidas com a sub-emenda Ferrari, os deputados dutristas do P.S.D. retirariam o seu apoio à Emenda Parlamentarista, o sr. Raul Pilla procurou o sr. Lopo Coelho e outros colegas, para desfazer a falsa impressão. Desta palestra, resultou a proposta, de um deles, para uma reunião, em que se esclarecessem as objecções levantadas a propósito da rumorosa sub-emenda. Marcada para a tarde em que veio a ser inopinadamente discutida a denuncia do sr. Muniz Falcão contra o ministro da Fazenda, não pôde realizar-se a sabatina. Ficou dependendo de nova convocação.

Pois bem, como no dia seguinte o sr. Raul Pilla estivesse na sala da Biblioteca da Câmara, juntamente com o deputado Wanderley Junior, relator da sub-emenda Ferrari, à espera do presidente da Comissão Especial, deputado Menezes Pimentel, para combinar o andamento da nova apresentação da sub-emenda, um dos mais importantes matutinos cariocas não teve a menor dúvida; noticiou haver falhado a reunião combinada com os deputados dutristas e o fez escandalosamente, com titulos de toda a largura da primeira página, que assim diziam: "Rebelados os "dutrístas" com a alteração do regime parlamentarista. Pilla alarmado com a fuga dos adeptos à sua emenda. Frustrada uma tentativa esclarecedora do parlamentar gaúcho".

Aí está. Tratava-se de um simples fato. Era, ou não era. Ocorrera desta ou daquela forma. Mas o jornal, que combate a reforma parlamentarista, fez mais que adulterá-lo, para servir a sua opinião. Inventou-o totalmente noticiando, a frustração de uma reunião que não fôra sequer convocada. Faltou ao mais elementar dos deveres da imprensa, que é, na expressão de Rui Barbosa, o dever da verdade.